



Diário Oficial

Cidade de São Paulo

Fernando Haddad - Prefeito

Ano 59

São Paulo, sexta-feira, 14 de novembro de 2014

Número 214

INFRA-ESTRUTURA URBANA E OBRAS

GABINETE DO SECRETÁRIO

2014-0.298.007-4

Secretaria de Infraestrutura Urbana e Obras – SIURB

Nota de Empenho – Readequação de equipamento da AES Eletropaulo que interferem com a obra – Remanejamento de postes – Rua Capitania Hereditárias - Canalização do Córrego Ponte Baixa.

DESPACHO: À vista dos elementos constantes nestes autos, especialmente a indicação de disponibilidade de recursos financeiros, às fls. 09, AUTORIZO a emissão de nota de empenho em favor da empresa ELETROPOLITANA METROPOLITANA ELETRICIDADE DE SÃO PAULO S/A, CNPJ nº 61.695.227/0001-93, no valor de R\$ 68.288,68 (sessenta e oito mil, duzentos e oitenta e oito reais e sessenta e oito centavos), para atender aos serviços de remanejamento de postes, localizados na Rua Capitania Hereditárias, que interferem nas obras de canalização do Córrego Ponte Baixa, onerando a dotação orçamentária 22.10.17.451.3008.5.013.4.4.90.51.00.00, consoante informações SIURB/CONT. às fls. 10.

AUDIÊNCIA PÚBLICA

Construção de novos Centros de Educação Unificados Local – Auditório da Secretaria de Infraestrutura Urbana e Obras

10/10/2014

TRANSCRIÇÃO PARA TEXTO DAS FALAS GRAVADAS EM DVD

Oswaldo Misso - Bom dia a todos. Podemos começar a nossa audiência. Eu queria agradecer a presença de vocês. Nós estamos vendo que o público, hoje, é pequeno e acho que a gente pode até fazer uma coisa mais informal, mais – se vocês puderem vir aqui, para a frente, podem até interagir melhor. Tudo bem?

O objetivo da nossa audiência é cumprir os requisitos da Lei 8.666, tendo em vista o processo de construção do novo lote de Centros de Educação Unificados – novos CEUs. E, para isso – ué, vocês estão indo embora? Não? Eu pedi para virem para a frente, não para irem embora.

E, para isso, a Secretaria de Infraestrutura Urbana, atendendo então a esses requisitos legislação, publicou esta audiência e nós estamos aqui para atender e tirar as dúvidas. Mas, antes, eu queria convidar a Tereza Herling, que é secretária executiva da Secretaria Adjunta da Secretaria de Desenvolvimento Urbano. O Eduardo Martini, para fazer parte, aqui, da mesa. Porque a secretária – ambos da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, que é a secretaria que está desenvolvendo o projeto, que está capitaneando esse processo. E eu vou fazer uma rápida apresentação, mas quem vai explicar melhor como é que vão funcionar os novos CEUs, e que vai apresentar o projeto, o arquiteto Eduardo vai ter a oportunidade de mostrar a vocês como é que serão construídos esses novos equipamentos. Mas, aproveitando a informalidade do momento, vamos tentar então fazer uma apresentação – somos tão poucos, não é? Quem está aqui presente – vocês poderiam ser apresentar?

(7 - 00h02m35s).

Oswaldo Misso - Opa, a Fundação Tide Setúbal em peso, também.

outro lado, tem escola, um balneário. Então, a ideia é colocar um CEU integrando esses equipamentos.

Aqui, uma área do Parque Novo Mundo, onde existia a antiga fábrica de caixões do Serviço Funerário. E eles desocuparam a área. Então, nós vamos transformar essa área em um CEU, também.

Aqui, a área de Santo Amaro. Bem, aí, as outras: Sapoemba, Grajaú, Campo Limpo, Pinheirinho, Tremembé, Cidade Tiradentes. Uma outra em Taipas, em um CDC também. Vila Matilde, Raposo Tavares e o Água Branca, que fica na Operação Urbana Água Branca. Aqui tem uma planilha, uma tabela com todos os endereços, enfim, os locais. E, aí, eu vou passar a palavra, agora, para o Edu. Depois, eu vou retomar, explicando também um pouco do que é o CEU, por que ele se chama – esse programa – Território CEU. Porque, na verdade, o CEU vai buscar integrar o equipamento com os equipamentos do entorno, estabelecendo uma sinergia de usos entre os equipamentos do entorno e o CEU.

No começo, também, da gestão, a Secretaria da Educação levantou os estudos, pelos estudos de demanda, constatou o que já vinha, o que a gente já um pouco sabia, que a educação de ensino fundamental estava coberta pela rede. Então, não tinha a menor necessidade de fazer nenhuma EMEF a mais, o que provocou uma mudança no programa original do CEU. Então, aquele CEU original, de 2001, que foi implantado na gestão da Marta, ele teve o programa alterado. E, por isso, a gente teve, também, alteração no projeto. Então, a gente não precisava mais fazer EMEF e, ao mesmo tempo, a gente tinha necessidade de integração com os equipamentos do entorno, para tornar o CEU um ponto de encontro dessas escolas, principalmente, para a realização do contraturno escolar, na perspectiva de fazer a educação em tempo integral. Por essa razão, o que seria aquele programa original da EMEF, se transformou – se atualizou no programa de espaços de uso múltiplo que vão ser utilizados, tanto – dependendo da situação, do local, do programa.

Ele tem um programa bastante flexível. Ele pode ser utilizado como universidade aberta do Brasil, como polo da OAB, ele pode ser utilizado como aulas para apoio das aulas do Pronatec. Ele pode ser usado para atividades culturais, oficinas, espaços de oficinas dos chamados co-working, quer dizer que o pessoal vai ali, a galerinha jovem usa aquele espaço para a produção de audiovisual, ou de design gráfico ou outras coisas mais, para que isso possa contribuir também para o desenvolvimento econômico local, geração de renda. Enfim, tem uma série de atividades. E, além disso, então, a gente desmembrou, explodiu aquele CEU original em peças que se articulam – e que o Edu vai mostrar com mais propriedade.

Então, a gente tem – o edifício educacional mantém a educação infantil, numa SEMEI, naquela educação que vai de zero a seis anos. Depois, ele tem os espaços de uso múltiplo. Nós temos o bloco cultural, como o teatro, que é um pouco menor, para 280 lugares, mais ou menos. E uma biblioteca e, também, oficinas. E o bloco esportivo, com uma quadra coberta e uma piscina coberta e um mezanino para, eventualmente, prática de alguma aula específica de ginástica e outras modalidades. E um espaço para o CRAS, que são aqueles Centros de Referência de Assistência Social, que é a porta de entrada, principalmente da população mais vulnerável, para os serviços públicos municipais. Enfim, então, ele é um centro de referência para a população mais vulnerável, dos serviços que o poder público pode oferecer para amparar essa população mais pobre e

soltos. Podem acontecer de a gente ter desnível entre os dois blocos. Deixe eu vir para a frente. Essa aqui é a tipologia linear. Então, os dois blocos estão justapostos aí, em sequência. Quando a gente vê esse bloco fechado, é onde está o teatro. Essa é uma diferença do CEU original, onde teatro e esportes estavam colocados juntos. Mesmo na segunda geração de CEUs, também havia uma composição desses dois programas. A gente separa e traz para cá, junto, isolado do esporte.

Aqui, é uma vista inferior. Essas são variações possíveis do bloco linear. A gente tem, então, ele inteiramente acoplado. Essa situação acontece, por exemplo, lá, o pessoal da Fundação tem acompanhado o projeto. Essa situação era solta, interligada por passarelas. Também está acontecendo no Carrão. A gente tem um desalinhamento ou tem possibilidade de acontecer, vencendo o desnível e aparecer uma área de pilotis sobre o conjunto linear, aqui. Isso está acontecendo no Jardim Gomes, por exemplo.

Aqui temos então a tipologia vertical, onde a gente tem então cinco pavimentos, onde fica, no andar inferior, educação. E nos três superiores, cultura e mais múltiplo uso. Geralmente, a gente usa essa situação da configuração vertical em terrenos muito compactos ou terrenos que envolvam desníveis, em geral, declives em relação aos acessos. Então, ele permite esse acesso intermediário, através de passarelas.

Aqui tem uma vista inferior. Essas são variações dentro da vertical, onde eles estão completamente isolados, aqui. Aqui, eles estão justapostos e, aqui, a gente tem, por exemplo, uma variação de projeto, que é a possibilidade de o bloco esportivo crescer em altura. Isso está acontecendo nos territórios.

Aqui é uma outra situação, onde você tem o acoplamento linear entre eles, mas respeitando desníveis. Aqui é o bloco esportivo. É um pouco diferente do bloco esportivo original. A gente trabalhou com um pouco mais de abertura, para fazer iluminação e ventilação natural.

A grande novidade, a Tereza já adiantou, que a gente tem uma piscina coberta e aquecida, no térreo. E, depois, a gente tem quadras, salas de ginásticas e tudo o mais. Mas a grande novidade, realmente é a piscina. Quer dizer, além do balneário externo – que isso vai ser mantido –, a gente tem uma piscina coberta e aquecida, interna.

Aqui, a gente vai ver então a distribuição do programa. Eu passo meio rápido, se alguém tiver alguma dúvida, depois a gente pode voltar. Mas a gente tem, então, em cima, a planta. E, embaixo, vocês vão ver, em relação a tipologias, onde estão distribuídos esses ambientes. Então, eu começo aqui em cima, pela SEMEI. Eu não lembro se você falou, na apresentação, Tereza, uma diferença que tem, dos CEUs anteriores. E, também, você tem uma justaposição de escolas, SEI, EMEI e EMEF. Isso, normalmente, significavam três escolas justapostas ou paralelas, com diretores, refeitórios e toda a estrutura duplicada – duplicada ou triplicada, até. Nesse caso, esse programa tem uma novidade, que a SEMEI passa a ser um programa novo, no qual é uma escola única. Então, é realmente uma junção aí, desses alunos e do programa educacional. Talvez o César, depois, possa adiantar alguma coisa a respeito.

Mas, enfim, a gente tem, então, no térreo, uma sequência de salas de aula e berçários, na verdade. Um pátio central, a área administrativa, refeitório. Normalmente, a gente vai ter em todos os edifícios, sempre, nas pontas, os blocos de circulação vertical, sempre compostos por, no mínimo, cada prédio desses vai receber dois elevadores, mais caixas de escadas, enfim, no centro, essa coisa toda.

esportivo, de maneira que a gente tem uma área – devolver para a cidade uma área bastante equipada e bonita. Aqui, a gente tem o centro esportivo Brigadeiro Eduardo Gomes, lá, na Estação Carrião do Metrô. É uma área bastante interessante. Aqui, o José de Anchieta, aqui, na Zona Leste. Aqui, o José Bonifácio e Gerdy Gomes, que o gestor do equipamento está justamente aqui. É um equipamento muito interessante, ele já é, inclusive, rodeado de outros equipamentos, como escola, UBS. Esse é a Vila Alpina. Aqui, o Parque do Carmo – bem em frente ao Parque do Carmo, mesmo. Aqui é o São Miguel, que tem, aqui, a Fundação Tide Setúbal, que ocupa já, que já tem a parceria com o CDC Tide Setúbal em um lado da quadra e, no

Como é que muda aqui? Bom, a gente vai entrar, agora, em uma exposição breve de cada uma dessas tipologias. Então, essa é a tipologia paralela. Para iniciar, a gente pode dizer, então, que as construções vão ser todas feitas baseadas em pré-moldados de concreto. A gente tem, então, a paralela, uma vista superior e uma inferior. Aqui, são variações desses arranjos paralelos. Por isso que eu coloquei assim, cada projeto começa a partir dessa tipologia. A partir da necessidade de programa local ou de terreno, essa configuração pode sofrer alterações, como a gente está colocando. Aqui, são quatro exemplos, mas pode ter mais do que isso. A gente tem – opa. A gente tem aqui um desalinhamento, os blocos interligados, eles podem estar

Aqui, a gente tem o bloco esportivo. Então, a grosso modo, é uma piscina semiolímpica coberta e aquecida, bateria de vestiários. Também aqui, a gente tem o bloco de escadas e elevadores. Então, com isso, a gente chega em três ou quatro elevadores em cada edifício, de acordo com a necessidade. A gente tem um segundo pavimento, que é o da quadra poliesportiva, mais vestiários e um último, que é de mezanino, caso a caso, vai ser utilizado. Existe a possibilidade, como eu falei, desses módulos crescerem, tanto horizontalmente, quanto verticalmente. Então, caso a caso, esse programa se engressa ou não, de acordo com a necessidade.

também.
- (? - 00h02m48s).
Oswaldo Misso - Você? Educação. Ah, você está representando a Educação?
- Não, não. Portal da Educação. É uma ONG.
Oswaldo Misso - Ah, Portal da Educação. Desculpe. Você?
- (? - 00h03m07s).
- Da nossa equipe.
Oswaldo Misso - Ah, ok.
- (? - 00h03m11s).
Oswaldo Misso - CVS. E, aqui, está a equipe de Siurb e Edif, também presentes. Nós temos um público pequeno, mas a intenção nossa é apresentar esses projetos. Nós temos 20 novos CEUs, um deles já em fase final de construção – não é, Tereza? Lá, no Heliópolis. E tem 19 projetados. Desse 19, nós temos duas fases, e nós vamos lançar em dois momentos. A primeira fase com oito CEUs – depois, a Tereza pode explicar melhor quais são esses primeiros oito. Depois, tem outros oito, em uma segunda fase. E outros três, em momentos diferentes também, porque são CEUs – tem um que é na operação urbana – enfim, depois, na apresentação, vocês vão ter a oportunidade de verificar onde estão localizados esses equipamentos. Então, neste primeiro momento, a intenção nossa é, já daqui a 15 dias, cumprindo a legislação, fazer, colocar em licitação, pelo menos a parte de pré-qualificação, para que as empresas interessadas possam se pré-qualificar para atender e participar desse concurso, desses 20 equipamentos. E, numa primeira etapa, desses primeiros oito, que é possível que a gente, ou coloque em uma fase só – isso, nós estamos estudando como nós vamos, ainda, implementar.
Os projetos já estão praticamente prontos. A fase final de acerto de orçamento, também já está orçado, está sofrendo só o processo de detalhamento. E esses outros equipamentos, possivelmente vão ser colocados também em licitação, provavelmente no próximo ano. Então, é um momento, para nós, muito importante, porque é uma nova fase desse processo de implantação de CEUs. Nós já temos 45, não é? Implantados na cidade. E, agora, com esse novo conjunto, nós passaremos a ter 65, com algumas características um pouco diferentes, mas o conteúdo não é muito diferente daquele que já está implantado. Mas, então, eu queria passar a palavra para a Tereza, para apresentar esse conjunto de áreas. Vai apresentar as áreas onde serão implantados e, depois, numa segunda etapa, o Eduardo vai apresentar o projeto. Obrigado a vocês.
Tereza Herling - Bom dia para todos. Nós estamos convidando o César Munhoz, que trabalha na Secretaria da Educação, na Assessoria Técnica de Planejamento e que participou também do processo de seleção e identificação das áreas e de concepção do programa.
Bem, esse é o mapa dos CEUs existentes em São Paulo. São 45 – como disse o Oswaldo – e a gente agora vai implantar mais 20 – que são esses, em vermelho –, de maneira que a gente vai ter uma rede, aí, de 65 CEUs.
Eu vou passar rapidamente pelas fotos aéreas das áreas que a gente tem selecionado para implantar o CEU. Só lembrando que, no começo da gestão, nós definimos – a gestão, o governo definiu que seria muito importante a gente implantar os CEUs em centros esportivos que estavam ociosos. A Prefeitura tem centros esportivos muito interessantes, que foram construídos nas décadas de 60, 70 e que estão relativamente subutilizados. Então, a ideia era a gente recuperar esses centros, colocando, também, os equipamentos de educação e cultura para complementar e formar o Programa CEU.
Então, aqui, a gente tem um centro esportivo na Freguesia do Ó. Vocês estão vendo, tem um ginásio e a ideia é sempre

promover o seu desenvolvimento social. Então, essa integração de equipamentos, a ampliação do programa original e uma das características desse programa. Além disso, como eu já disse, a integração desses espaços com os equipamentos fora, extra-muros, com a escola do bairro, com uma creche, uma EMEI ou mesmo, ao contrário, as crianças saírem da escola e irem visitar uma praça, fazerem uma aula fora do muro original do CEU, faz com que esse programa passe a se chamar Território CEU, nessa perspectiva de integração. Eu vou passar a palavra para o Edu, para que ele explique melhor como é o projeto do edifício e as suas características e tudo o mais.
Eduardo Martini - Bom dia a todos. Meu nome é Eduardo Martini, eu sou arquiteto e urbanista, faço parte da equipe montada e coordenada pela Tereza, chamada Rede de Equipamentos, que fica dentro da SMDU. Dando sequência à apresentação da Tereza, eu gostaria só de voltar um eslaide. Em relação aos terrenos propriamente escolhidos, ainda que a intenção inicial e a disponibilidade de terreno tenha vindo por parte da Secretaria de Esportes, a gente levou mais além essa intenção de, efetivamente, não fazer desapropriação de terrenos. E a gente chega em um quadro então, no qual a gente tem oito clubes sendo utilizados, três PDCs e oito áreas públicas, nas quais englobam alteração, englobam algumas áreas públicas e alguns parques. Então, a configuração de distribuição dos terrenos acaba sendo essa. A gente tem, basicamente, um terço que não são áreas oriundas do esporte. Acho que isso é um item importante.
Dando sequência, o que a gente tem, então, em relação a esta impossibilidade inicial de a gente escolher o terreno a dedo para implantar um edifício pronto e associada a essa variação de programa – essa grande variação, na verdade, que ocorreu –, a gente tem dois desafios básicos aí, de cara, de projeto. Que eram, então – não estou conseguindo ler – garantir a adequação do edifício a diferentes situações de terreno. Então, a gente tem que enfrentar terrenos de tamanhos diferentes, de formas, de topografias diferentes, e a questão que a Tereza colocou, de eventual convivência com equipamentos existentes dentro desses espaços. O segundo desafio é garantir a flexibilização do edifício para acolher esse novo programa e, também, para permitir um acréscimo e decréscimo de área, em função da especificidade de cada local. Então, esses dois desafios nos fizeram rever, então, os projetos que a gente tinha. E a gente parte, então, de qualquer projeto, a partir do uso de três tipologias básicas. Então, essas tipologias são as que devem ser utilizadas para cada projeto, para atender às necessidades de cada local.
Então, a gente tem uma configuração – são três diferentes tipologias, basicamente elas abarcam os mesmos programas. Se vocês acompanharem – é até bom memorizar – a gente tem, em amarelo, o bloco educacional; vermelho sempre vai representar a cultura; azul, esportes. E esse roxinho – ou lilás, eu não sei como vocês enxergam – as atividades de múltiplo uso.
Então, na configuração paralela, a gente tem, então, bloco educacional e cultural, colocados lado a lado e complementados pelo bloco esportivo. Na linear, a gente tem bloco cultural e educacional justapostos linearmente, complementados pelo esportivo. A vertical, a gente tem o bloco cultural e educacional sobrepostos e complementados pelo esportivo. A gente vai ter, então, pequenas variações de área, em relação a cada configuração dessas. Basicamente, paralelo e linear são parecidos, em termos de áreas. A gente tem 11.500 metros quadrados, compostos em 9.000 para o programa educacional e cultural e 2.500 para o esportivo. A vertical é um pouco menor – eu não sei se vocês percebem, ela não é a justaposição de seis lâminas, como se a gente fosse pegar o paralelo e por uma sobre a outra. A gente tem, então, cinco pavimentos. E isso redundante, em uma área um pouco menor, de 7.500, da área vertical,

A gente vai ter sempre blocos de apoio, a gente vai ver mais nas outras plantas. Blocos de apoio de banheiro, sanitários, depósitos, junto a essas extremidades. Se a gente passar para o andar superior – da SEMEI, ainda –, você vê que, nos desenhos de baixo, começou a subir, para vocês se localizarem. A gente tem o complemento do programa da SEMEI, que são mais salas de aula, minigrupos, no caso. Salas de atividade infantil, ateliê central, estrutura de professores.
Aqui, a gente entra no primeiro piso do bloco cultural. Então, dependendo da configuração, ele está em piso térreo, ou, se ele está no vertical, vocês vão ver, ali, que ele está no nível intermediário. Mas se vocês lembram da perspectiva, significa que sempre tem um acesso e uma passarela, chegando nesse nível. Então, a gente sempre considera como térreo essa entrada de cultura, onde a gente coloca biblioteca, salas de música e cultura digital, estúdios de gravação – isso é uma novidade, também, em relação aos CEUs. Sala de artes – aqui, é o programa educacional – é uma pena não ter ninguém da cultura, talvez para descrever um pouco mais o programa. Mas ele passa a ser parte integrante e fixa dos CEUs.
A gente tem, então, aqui nas bordas, aquilo que eu falei, que são os blocos de apoio. Então, isso vai variar. A gente tem módulos feitos e variam caso a caso, de acordo com a necessidade de cada local. A configuração de banheiros maiores, menores, vestiários, copa, depósito e tudo o mais.
No segundo pavimento da cultura, então a gente chega ao foyer do teatro. Na verdade, é um cine teatro para 260, 280 lugares. Na verdade, isso vai mudar essa configuração de acordo com a configuração de plateia. A gente quer tentar trazer uma novidade, também, de uma plateia móvel. Estamos trabalhando tecnicamente para viabilizar isso. Mas a gente tem, então, o cine teatro, a área de apoio de camarins, o foyer central. Aqui, a gente vai ter uma área – que, daqui a pouco, eu apresento, mas são áreas, ou de apoio à parte cultural, ou de apoio à parte superior, que é a parte multifuncional.
De novo, nas laterais, as áreas de apoio e escadas. Aqui, a gente tem, então, o último andar da cultura, que é o mezanino do teatro. Então, o teatro é um pé direito duplo. A gente tem, então, os mezaninos em volta, área de parte técnica, ar condicionado, cabine de projeção e a parte complementar de programa, que eu já entro.
Aqui, a gente começa a entrar, então, na parte que a gente chama de múltiplo uso. Então, esse pequeno trecho aqui, eles podem entrar, no final aqui do teatro, que vocês acabaram de ver. São também diversas configurações que podem ter. No caso, a gente está apresentando um refeitório, mas pode acontecer de ser um CRAS, pode acontecer de ser uma administração. Enfim, isso vai variar caso a caso, em cada território.
Esse é o piso superior de múltiplo uso, onde a Tereza adiantou um pouco. Eu não sei se vocês conseguem ler, mas o programa é aquilo que ela falou, que são aulas de contrato, Pronatec, EJA – que é Jovens e Adultos –, Universidade Aberta do Brasil. Quer dizer, de acordo com o interesse da Secretaria da Educação, esses territórios vão receber, ou não, a Universidade Aberta do Brasil. Quer dizer, a estrutura toda está pensada para isso, não é? Laboratórios, enfim, todo o programa complementar.
Aqui, a gente tem, então, no caso do paralelo e do linear, esse é o complemento possível, onde entra, neste caso, por exemplo, o CRAS, a administração do CEU. Poderia entrar algo – na verdade, é supervariável, esse último andar, é de acordo, caso a caso. Mas, enfim, aqui a gente tem a possibilidade, quando a gente usa o vertical, a gente tem, então, que ter uma restrição em relação a esse programa complementar e fica mais restrito a contratação, um ou outro laboratório e a administra-

Aqui tem um mapa, de curiosidade, da distribuição então desse programa pelos nossos 20 CEUs. Aqui passa a ser interessante e justa, na verdade, todo o esforço que a equipe fez, de criar essas alternativas, tanto para viabilizar a utilização desses terrenos, como para absorver o programa. E a gente vê que, então, por exemplo, o que está em vermelho, que é o vertical, que eu diria que é a grande novidade, em termos de implantação, ele está acontecendo sete vezes. Quer dizer, um terço dos CEUs são em uma configuração que não seria possível nas configurações anteriores de projeto. Então, esse é um grande ganho.

Aqui é curioso, também – só a título de ilustração – a gente verifica, também, em relação aos lineares, os verticais, você consegue verificar um pouco até a topografia da cidade. A gente percebe que centros lineares estão próximos de várzeas e os verticais estão nos trechos ou de divisor de água ou de partes elevadas da cidade.

Aqui, então, a gente tem estimativas de custo de obra, como o Misso apresentou, a gente está trabalhando e fechando essas planilhas todas. Mas, ordem de grandeza, a gente pode apresentar que o edifício paralelo vai girar em torno – o edifício – de 33 milhões. A variação de implantação, isso a gente põe essa variação tão grande porque a gente está tomando como base esses primeiros, nos quais esses terrenos têm grande variação de tamanho, de complexidade de obras e das necessidades de reforma dentro desses clubes. Então, hoje, a gente está trabalhando com variações de 2 a 12 milhões dentro dessas implantações.

A linear custa um pouco menos do que a paralela, em função de você estar economizando passarelas e um pouco de escada. E a vertical, um pouco menos ainda, porque você tem praticamente um pavimento inteiro a menos. Então, isso vai variar de 29,5 a 33 milhões, como base desses edifícios. E as implantações vão ser sempre variáveis, de acordo com os casos.

Aqui, tem uma ficha de cada um. Talvez eu possa passar até mais rápido. Mas é como é que foram definidos cada um desses. Então, tem a Freguesia do Ô. A gente sempre vai ter – eu vou passar meio rápido – a implantação, que foi definida, o que ilustra e a ficha dele. Então, a gente tem, nesse caso – destaque – na Freguesia, a configuração de arranjo vertical, mais bloco esportivo. A área de intervenção paisagística. Isso é um dado importante, é algo, como a Tereza colocou, a contrapartida que esse grupo está dando em relação à oferta da Secretaria de Esportes, que é essa reconfiguração e requalificação do espaço dos clubes. Então, a gente vai variar, em alguns casos, em até 80, 90.000 metros quadrados de projeto paisagístico de requalificação dessas áreas, mais as reformas. Esse é um clube grande, por exemplo. Você tem quase 40.000 metros quadrados.

Aqui, a gente tem o Carrão. Esse é o maior deles, neste momento. Justamente aqui, olha, 90.000 metros quadrados de área de paisagismo. É a configuração linear. Posso olhar aqui, linear e mais esportivo. Aqui, a gente entra no José Anchieta. Esse é um caso que, por exemplo, é um deles, que a gente gosta bastante de apresentar, acho que dá tempo, no final, de a gente chegar no território e ver a configuração, como é que a gente conseguiu implantar em um terreno íngreme como esse. É uma configuração vertical mais esportiva.

A gente tem, aqui, o território José Bonifácio e Gerdy Gomes, especificamente o Clube Gerdy Gomes que está recebendo o equipamento. Ela é uma configuração linear com aquela variação do pilotis embaixo.

Vila Alpina, onde a gente tem a vertical, com a variação do esportivo ser mais alto. Inclusive, aqui, a gente também tem variações que, sem ver o projeto exatamente, vocês não conseguem enxergar, mas tem variações também no tamanho

mente adensada. É isso, basicamente era isso que a gente tinha para apresentar.

Oswaldo Misso - Bom, pessoal, dando continuidade à audiência, é o momento de a plateia tirar as dúvidas. Então, nós abrimos aqui a palavra, para quem quiser se manifestar, fazer perguntas, tirar dúvidas. Então, nós estamos aqui, à disposição, para isso. Alguém quer? Por favor, diga o nome, não é?

Décio - O meu nome é Décio. Eu sou coordenador do Centro Esportivo e Educacional Jorge Gomes. Eu vi a proposta do projeto aí, sei que vai ser feita uma intervenção – por exemplo, as áreas esportivas, nos que couberam nos centros esportivos. E a minha pergunta é o seguinte: Vai ser aberto a sugestões, para que a comunidade – a comunidade, às vezes, quer participar mais, além da audiência pública, na hora da execução das reformas, por exemplo, do centro esportivo, o pessoal tem algumas preocupações. "Olha, nós temos lá um campo oficial e tal, que é um terraço. Vai ser reformado? Vai se transformar, por exemplo – vai ser posto um sintético? Não vai? Então, todas essas perguntas, eles perguntam para mim. Não perguntam para quem está elaborando o projeto. Então, nós precisávamos talvez ter mais informações, mais detalhes. Porque nós estamos lá na ponta e o questionamento vem de lá. Às vezes, fica distante para que cheguem na Secretaria. Essa era uma das questões. Eu sei que as intervenções locais vão ser interessantes e a gente precisaria ter pelo menos uma apresentação para a comunidade. Vai ser feito isso?

Tereza Herling - Com certeza. A gente ainda não conseguiu começar a fazer isso. Começou timidamente, lá em São Miguel, o ano passado. E nunca mais conseguiu – ah, pode continuar aqui ou tem que ser naquele?

(? - 00h40m52s).

Tereza Herling - Ah, entendi. Mas eu posso ir respondendo, não é? Ah, está bom. Desculpe. Então, a gente só não começou a fazer isso ainda, Décio, porque não conseguiu ter tempo ainda – e pernas para fazer. Mas, agora, nós vamos começar, sim, a fazer esse trabalho. A gente está correndo para fechar essas maquetes eletrônicas – que elas são muito mais caras para visualizar. No seu caso, a gente tem uma maquete física. Então, até acho que tem marcada uma reunião na segunda-feira, para começar a organizar essa discussão com a comunidade, apresentar o projeto – tanto da quadra, porque, ali, a gente também, não só com a comunidade – a gente vai ter relação com a UBS, com a EMEF, tem uma EMEI ali. Então, com os equipamentos do entorno e com a comunidade. E a gente está para ir para a rua esta semana que vem.

Quanto à possibilidade de fazer grama sintética no campo, tudo vai depender dos recursos que a gente tem, que não são muitos, infelizmente. Então, assim, a gente vai avaliar, se há uma demanda, quanto custa. Mas, a princípio, não foi projetado campo com grama sintética para lá. Está bom?

Paula - Oi, bom dia. Meu nome é Paula. Obrigada pela apresentação, mais uma vez. A gente conhece bastante o projeto, é bacana. Eu tenho um pouco de dúvida assim, sobre cronograma. Eu acho que isso é uma coisa importante. E a gente comentou um pouquinho, também, como é que ficam as atividades durante as obras. Eu acho que isso é uma coisa importante de a gente saber. No nosso espaço, por exemplo, tem escolas. Se a gente vai poder fazer uma conversa mais detalhada sobre isso. E é isso. Se o Inácio também quiser vir perguntar algumas coisas arquitetônicas, seria legal.

- Eu vi que, pela tipologia que vocês apresentaram, tem alguns espaços com área bastante grande, que foi optado pela vertical. Lógico que, talvez, pela topografia. Mas, assim, tendo em vista que, no espaço do terreno, lá, no caso do CDC e das escolas, talvez seja menor, e a necessidade de espaço aberto, a possibilidade de trabalhar esse espaço aberto, que não foi

em função das pessoas estarem percebendo a movimentação no local, tanto que bom e nós vamos tentar atendê-las, tá?

Oswaldo Misso - Alguém tem mais alguma pergunta? As empresas interessadas em participar do processo licitatório têm alguma dúvida? Vocês viram que o projeto – os prédios têm 11.500 metros quadrados, em média. E um custo médio de 33 milhões. Mais a implantação, que varia entre 2 milhões a 12 milhões, na estimativa. Então, esses prédios têm um valor final – o conjunto da obra tem um valor final de 35 a 45 milhões, aproximadamente. E essa variação da implantação depende muito dos equipamentos que estão sendo reformados e sendo incorporados ao conjunto da obra. Por isso que há essa variação. Isso, só para reforçar aquilo que já foi mostrado. Nenhuma dúvida?

Murilo - (? - 00h50m18s). Bom dia a todos. Eu sou Murilo, da Construtora Engeforma. Eu gostaria de saber se a apresentação vai ficar disponível no site e quando vai estar acessível. E também a questão – vai ser uma pré-qualificação, a primeira de oito lotes? Os oito CEUs? E está previsto para mais ou menos 15 dias, é isso?

Oswaldo Misso - Nós vamos disponibilizar no site, então, essa apresentação vai estar – é pública. Com relação à sua outra pergunta, haverá um processo, primeiro, com pré-qualificação, provavelmente atendendo aos prazos regimentais, possivelmente daqui a 15 dias será colocado o processo e as empresas pré-qualificadas estarão habilitadas a participar do processo licitatório das 20 unidades.

Murilo - Obrigado.

Oswaldo Misso - Mais nenhuma pergunta? Podemos encerrar? (? - 00h51m49s).

Oswaldo Misso - Como esse processo vai ser colocado – vai ser faseado, essa primeira fase, a intenção nossa é colocar em licitação ainda este mês, atendendo mais ou menos a uma perspectiva de prazo de 90 dias, 100 dias, até poder fazer todo o processo de contratação. Aí, depois sim, o início da obra. Estamos estipulando um prazo de aproximadamente 360 dias para a execução da obra. Pois não?

(? - 00h52m35s).

Oswaldo Misso - Por favor. Desculpe, mas é que está sendo gravado.

Hélcio - Bom dia a todos. Meu nome é Hélcio, eu sou da Comgás, Companhia de Gás de São Paulo. Haviam nos enviado para um endereço diferente, por isso nós chegamos com um certo atraso. Eu não sei se foi questionado acerca de eficiência energética em todos esses projetos, se está sendo estudado. Por exemplo, reuso, a possibilidade de aquecimento de piscina ou da climatização, utilizando energias alternativas.

Eduardo Martini - Sim, está sendo utilizado o reuso de água em todos os CEUs. Aquecimento solar, também. E, pontualmente, a gente vai tentar estender isso, por exemplo, à iluminação fotovoltaica, quando for possível, o acordo todo ali. A gente está tendo um pouco de dificuldade em relação à montagem de licitação, mas a gente, como intenção, sim, quer e pretende avançar um pouco mais do que esses itens que eu te falei.

Hélcio - Eu só queria nos colocar à disposição também, para também estarmos dispostos de tecnologias que, hoje, já são utilizadas, através do gás natural. Obrigada.

Oswaldo Misso - Bom, em não havendo mais questionamentos, podemos encerrar a audiência? Então, eu quero muito agradecer a presença de vocês e esperamos ter esclarecido todas as dúvidas. E gostaríamos que esse processo tivesse um andamento bem célere e rico, para que esses equipamentos possam estar à disposição da população de São Paulo o mais rápido possível. Muito obrigado.

FINAL

2014-0-005-023-2

conseguem enxergar, mas tem variações também no tamanho do edifício.

Parque do Carmo. São Miguel. É aquele que eu falei que era todo unido. Nesse caso, as variações são contidas, inclusive, na redução do programa das extremidades, para caber no terreno. Esse é o nosso menor terreno, atualmente, de implantação. Seria também totalmente impossível, nas versões anteriores do CEU, conseguir caber um CEU nesse terreno. E mantendo, além de tudo, duas escolas e o funcionamento da Fundação lá, como parceira.

Aqui é o Novo Mundo. A Tereza também vai apresentar, em relação à implantação do território. A gente tem desenhos que ilustram um pouco melhor a situação. A partir daqui, a gente entra nos que são os novos oito, que vão entrar em licitação. Então, tem Santo Amaro, Sapopemba, Campo Limpo – pulei um? - (? - 00h33m01s).

Eduardo Martini - Grajaú, Pinheirinho, Tremembé, Cidade Tiradentes – bom, vamos lá. Taipas. A 13, se eu não me engano, apresentou como CDC. Na verdade, isso é um clube esportivo. Eu acho que isso vale a pena fazer a correção, é um centro esportivo. Aqui, existe a possibilidade – a gente está conversando, inclusive, com o pessoal de esportes. Esse campo de futebol, que é um campo oficial, que está sendo mantido, pode até, de acordo com conversações com a comunidade, passar a ser um CDC. Então, isso é um dado importante. A gente tem mais de um território onde não era um CDC e a gente, de acordo com a configuração, pode chegar até, se for o caso, a construir um novo CDC no local. Então, além de a comunidade estar recebendo um CEU, estaria recebendo um CDC.

Esse é o Raposo Tavares, que é um parque. Vila Matilde – esse, sim, é um CDC. E a Operação Água Branca. Eu vou retornar a palavra para a Tereza, ela vai apresentar um pouco como é que funciona, então, a configuração do território. Obrigado.

Tereza Herling -Bom, só, então, para concluir. Essa variedade de projetos que o Edu mostrou se deve tanto à variação de programas quanto à variação dos terrenos. E, agora, a gente vai mostrar rapidamente, então, qual é a integração fora, extramuros, para o território. Ai, a gente tem, ali, só para vocês – onde faz a bolinha? Ela está saindo, mas não está – enfim, ali, naquela área mais vazia ali, maior, à direita da tela, a gente tem o glorioso Itaquerão, certo? E, ali, logo à esquerda, a gente tem a área do Centro Esportivo José de Anchieta, que vai ser ocupado por um CEU. Então, está ali, a gente está iluminando o terreno. E vocês veem, é uma nesga de terreno com altas declividades. Então, é um terreno que deu um desafio grande, de projeto. E tem ali a rede de equipamentos do entorno, os equipamentos de educação em amarelo, de esportes em azul. Enfim, está aí, cultura e saúde. E a ideia então é integrar esses equipamentos através – bom, só um eslaide para explicar que a gente tem uma área que tem um corredor existente importante, de ônibus. E tem Metrô, também. E os corredores planejados. Então, essa região que já sofreu bastante transformação em função do Itaquerão, agora também vai receber esses novos corredores aqui.

E a ideia, no território, é que a gente estabeleça uma conexão com os equipamentos do entorno. Essas conexões vão ser definidas como comunidade. Então, é um projeto que, enquanto a gente corre com o projeto – com a obra do CEU, paralelamente, a gente está conversando com a comunidade, para identificar e programar o uso desse território coletivamente.

Então, isso aqui é um exemplo. Essas linhas em amarelo, que a gente chama de vias do território CEU, nada mais são do que ligações que nós vamos melhorar, tanto do ponto de vista de melhoria de calçada, iluminação pública, como arborização e segurança para as crianças, quanto, enfim – e que esse desenho vai ser então feito junto com a comunidade e não está incluído nesse pacote de licitações que nós estamos lançando agora.

Aqui, a gente só apontou as áreas de vulnerabilidade, de maneira que a gente possa ter um quadro da abrangência do impacto desse programa no território. Então, aqui está o terreno, com a indicação dos equipamentos do entorno e a implantação do novo CEU. Aqui, o Novo Mundo, na área da Funerária, a ideia também ali, eles estão saindo, a gente vai demolir. Tem a Central de Triagem, uma EMEF, uma SEI, uma EMEI e uma UBS. A ideia então, com a implantação do novo equipamento, a gente vai fazer a integração com os equipamentos do entorno, através de vias pavimentadas, calçadas alargadas, espaço – esse estudo ainda está em elaboração, mas é possível que a gente consiga ter aqui, sim, uma ciclofaixa. E vocês veem assim, a abertura do espaço público para essa região, que é extrema-

possibilidade de trabalhar esse espaço aberto, por que não foi adotado – eu sei que, talvez, a questão linear tenha um caráter simbólico de unificação do espaço, ele traz isso, o projeto. Porém, a possibilidade de ter um espaço aberto, talvez uma tipologia verticalizada ou uma tipologia vertical no CDC, teria, talvez, a possibilidade de abrir mais áreas, enfim, a possibilidade de área verde até, dentro daquele espaço. E o aproveitamento como área livre, também, tendo em vista que o terreno é extremamente pequeno.

Tereza Herling - Bom, em relação à primeira pergunta, da Paula, como a gente também já havia conversado, esta semana, por telefone, a gente vai sim, agendar, como nos demais – aliás, como em todos os CDCs que estão com previsão de obras para início de janeiro e fevereiro, mais ou menos esse prazo. A gente, então, vai – agora é que tem essa definição, vai lançar a licitação – que tem esse processo, a gente tem até três meses para planejar como vai ser a obra em terrenos que estão sendo ocupados por alguma atividade, seja um centro esportivo – como é o seu caso, não é, Décio? Seja em um caso mais delicado e difícil, que é o da Fundação Tide, porque, ali, a gente tem as atividades de esporte da Fundação Tide, que não podem e não precisam parar, porque a gente pode fazer um tapume ali e resolver a questão.

E tem a questão mais difícil, que é das escolas que estão em funcionamento e vão ter que – enfim, esse planejamento, agora também é a hora de a gente começar a fazer. A gente já vem conversando um pouco, mas agora chegou a hora de definir para onde vão as crianças. Enfim, isso vai ser feito, não é uma coisa difícil.

Agora, em relação à tipologia vertical, ou mais vertical, eu vou passar para o Edu explicar melhor. Mas a gente adota essa tipologia, Inácio, quando a gente tem a possibilidade de fazer o acesso no intermediário. O que não é o caso de São Miguel, porque é um terreno plano. A gente – enfim, mas eu acho que o Edu pode explicar as inúmeras, enfim, infinitas variações e estudos e croquis que a gente fez e que tem lá, guardado, na SMDU, para ter o menor impacto possível e, enfim, é melhor o Edu falar sobre isso.

Eduardo Martini - Basicamente, a justificativa principal é essa: a gente adota a vertical quando existe a possibilidade de acesso intermediário. Quer dizer, isso é importante, tanto do ponto de vista legal, para evacuação do edifício – então, a gente tem, aí, do segundo ao último pavimento, que você sairia para esse terreno intermediário.

Existe também a questão de que, se você tem um terreno plano – vamos dizer que não houvesse esse impeditivo da evacuação e da facilidade de acesso –, por obrigatoriedade, também de legislação, as crianças da SEMEI precisam ficar no térreo. Então, o que acontece? A gente isola todo o térreo, o primeiro pavimento, isolaria, no caso, com parte educacional. E jogaria a cultural e de múltiplo uso para cima. Então, a gente acabaria gerando um afastamento dos usuários. De qualquer forma, vocês conhecem o projeto e viram que, de certa forma, a gente conseguiu criar espaços, às vezes, onde nem existem hoje. Ainda que a gente tenha colocado um edifício desse tamanho, pela inclusão daquela praça que, hoje, é um estacionamento. E a própria desfaturação da rua. Ali, eu acho que é o pulo do gato, onde aparece um espaço livre principalmente, exatamente em frente à Fundação de vocês, que é um espaço que nem existia dentro do conjunto.

Então, a gente acha que, assim – a próxima vez que vocês virem o projeto, também já vão começar a verificar a qualidade desses espaços abertos. E, também, o quanto isso possibilita uma proximidade maior da população em volta. Mas, basicamente, são critérios técnicos que impedem de usar a vertical. Hoje, a gente tem essa limitação, mesmo.

- (? - 00h48m03s).

Eduardo Martini - Décio, em relação à sua pergunta, primeiro talvez seja bom esclarecer para todos que, assim, ainda que a gente vá fazer essas conversas, você sabe o quanto nós já conversamos, quer dizer, o quanto você, como diretor, está a par do projeto e a gente, sempre, tentando atender às demandas que você trazia, com o filtro de estar coordenando o lugar, não é? A gente pretende, sim, chegar e apresentar. O Luís, inclusive, está tentando agendar uma conversa entre diretores de clube para, antes de mais nada, vocês estarem capacitados a entenderem o projeto e a gente defender o mesmo projeto, da mesma forma. E o passo seguinte é você também filtrar novas demandas. Você já nos trouxe as primeiras. Se agora tem novas,